

ENTREVISTA

Jerson Kelman, presidente da Sabesp

'Volume morto do Cantareira deve ser incluído no sistema'

Reserva de água usada na crise deve ser adotada em definitivo como estoque disponível para a região metropolitana

Fabio Leite

Usadas de forma emergencial por 19 meses para evitar o colapso no abastecimento de água da região metropolitana durante a crise hídrica, as duas cotas do volume morto do sistema Cantareira devem ser incorporadas em definitivo ao manancial, ampliando em quase 30% a capacidade operacional dos reservatórios. É o que defende o presidente da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), Jerson Kelman, em entrevista exclusiva ao Estado.

Polêmica, a medida pode ajudar a empresa a manter os limites pré-crise de retirada de água do sistema na renovação da outorga do Cantareira, adiada para maio de 2017, e até retardar ou evitar medidas de restrição na captação feita nas represas impostas pelos órgãos reguladores no caso de uma nova seca. "Não há nenhuma razão para você considerar o tamanho do seu reservatório menor do que na prática você pode usar", afirma Kelman.

● Embora o Cantareira ainda tenha menos água do que no início da crise (2014), por que a Sabesp diz que a situação é melhor? Ao longo de 2014 houve um au-

mento de estoque disponível pelo bombeamento da água do volume morto. Então, temos de comparar volume disponível no início da crise com o atual. Hoje, são 895 bilhões de litros nos seis sistemas. Há dois anos, eram 619 bilhões. Portanto, estamos em melhor situação, parcialmente, porque contabilizamos como volume disponível aquilo que é bombeável da reserva técnica.

● Isso só faz sentido se o volume morto for incorporado definitivamente. Caso contrário, vai perder no futuro essa capacidade. A crise demonstrou que não é desejável, mas é possível utilizar o volume morto. Portanto, em termos de disponibilidade de armazenamento, há que considerá-lo como parte do estoque. Não há nenhuma diferença a não ser o custo da água. Uma precisa de bombeamento e outra, não. O fato de termos feito obra para bombear o volume morto incorpora estoque às reservas. Ele não deve ser despezado.

● Mas isso não precisa de aval dos órgãos reguladores e ser discutido na renovação da outorga do Cantareira, adiada para maio de 2017? A boa técnica diz que no pedido da outorga tem de se considerar todo volume utilizável, e um nível de confiabilidade a ser decidido pelos órgãos outorgantes. Ao meu juízo, devem levar em consideração todo volume disponível. Não estou dizendo que é desejável vo-

● Pós-crise

"Estamos surpreendidos que a demanda (por água) não voltou muito. Tem uma inércia e não tem mais o controle da pressão (na rede) influenciando a possibilidade de consumo. Ainda assim, o consumo está muito mais baixo."

"Não devemos nivelar o nosso nível de atendimento e a velocidade com que resolvemos os problemas pela capacidade de pagamento dos mais pobres. Se fizermos isso, vamos demorar muitos anos para solucioná-los."

● Se a situação é melhor, por que ficar entrando no volume morto. Mas que é possível.

● Em janeiro, o senhor fez proposta de operação na qual projetava o nível do Cantareira em 5%, sem considerar a reserva. A Agência Nacional de Águas (ANA) vetou e estipulou 20%, indicando que não inclui a reserva. Não fiz isso porque gosto de correr risco. Você tem de fazer uma escolha entre restrições operativas hoje ou mais na frente. Não há certo ou errado nisso. O que há é bom senso. Na nota da ANA não fica claro se ela considera ou não o volume morto como parte do volume disponível. Agora eu estou afirmando que não há dúvida nenhuma de que volume morto é parte do volume disponível.



Muita. "Em condições normais, a posição é eliminar"

● Se a situação é melhor, por que manter a multa para quem não economiza água, que foi descartada em 2014? Não virou uma medida com fim arrecadatório? O bônus também foi prorrogado. A empresa continua tendo redução de receita pelo bônus muito maior do que a arrecadação que vem pela tarifa de contingência. Ela foi prorrogada porque estamos em condições um pouco melhores, mas não absolutamente normais. Temos de ter um pouco de pru-

dência. Quando estivermos em condições normais, nossa posição será para eliminar tanto o bônus quanto o bônus.

● Quando isso deve ocorrer? Não sei. Quando estivermos em condições normais.

● A crise ainda não acabou? A crise amalhou. Não há perspectivas de que o ano de 2016 repita as condições hidrológicas de 2014, mas a prudência indica que devemos ser cautelosos. Evito definir o que é condição normal para não suscitar uma contagem regressiva.

● Mas, se a situação em 2014 era pior, não foi imprudente ter desistido da sobretaxa? A hidrologia de 2014 nunca ti-

nha sido observada antes. Qualquer hidrologo tem posição diferente depois que observa um fenômeno de baixíssima probabilidade, de 0,4%. Não é razoável cobrar de quem não tinha passado por essa experiência uma percepção do que é essa seca. Em 2016, é diferente. Sabemos o que aconteceu. Ai, sim, seria imprudente despezar que qualquer coisa parecida possa acontecer.

● Há prazo para o fim do racionamento pela redução da pressão? Não. A redução da pressão hoje ocorre de noite, até as cinco da manhã, o que é normal, para não desperdiçar água.

● A Sabesp está retirando do Cantareira quase 5 mil l/s a menos do que tem direito. É a cautela ou a população não voltou a consumir água como antes? As duas coisas. A população incorporou hábitos de economia, o que é positivo. Outra coisa é que tivemos dias mais frios em janeiro. Vamos ver qual é a real situação a partir de agora, que o País volta à normalidade depois do carnaval.

● A queda no volume vendido e o aumento do custo de energia foram usados pela Sabesp para conseguir um reajuste extra de 15,2% na conta em 2015. É possível ter redução da tarifa de água quando a situação se normalizar e a energia baratear?

A Arsep (agência reguladora) vai levar em consideração todos os efeitos, incluindo a questão energética, durante o cálculo da revisão tarifária.

● Uma solução anunciada durante a crise foi a construção de duas estações de água de reúso. A Sabesp desistiu de fazê-las? Não estamos planejando fazer no nosso horizonte. Temos a maior instalação de água de reúso da América Latina, o Acquapolo. Estudamos todas as alternativas, mas entendemos que havia outras mais atraentes, como pegar água do Rio Itapanhaú. Nova York é um exemplo porque conseguiu captar água em área preservada. São Paulo também.



NA WEB
Portal. Leia a entrevista com Kelman na íntegra

estado.com.br/ekelman